

A A.A.C. FACE ÀS TENTATIVAS DE DESARTICULAÇÃO DO M.A.

I

Por falta de quorum não se realizou a Assembleia Magna marcada para o dia 14, às 17 horas, no Gil Vicente. Este facto merece a nossa atenção, pois a convocação de sucessivas Assembleias Magnas versando, por vezes, temas marginais e ignorando a existência ou não de condições objectivas que permitam a sua realização com a participação massiva dos estudantes, só pode ter como consequência o desprestígio do órgão máximo deliberativo da Academia de Coimbra. E o erro descamba em claro oportunismo quando se pretende ignorar o quorum, argumentando com a pretensa capacidade deliberativa de qualquer reunião, por menos representativa que seja da Academia. Ao desprestígio acrescenta-se assim o quebra da representatividade. Para alguns, ser representativo é uma questão de auto-convencimento. Para nós, bem como para os estudantes que aprovaram o regulamento mínimo provisório da AAC, a necessidade do quorum é a garantia de que nenhuma decisão em nome da Academia será tomada nas costas dos Estudantes. Defender a seriedade do órgão máximo deliberativo da Academia de Coimbra, a Assembleia Magna, não é um objectivo em discussão, como querem alguns, mas uma necessidade real.

Houve quem acusasse a D.G. da AAC de não querer prestar contas aos estudantes. De facto, a Direcção Geral tem prestado e continuará a prestar contas à massa estudantil da sua Actividade. É assim que convoca nova Assembleia Magna para Terça-feira, dia 19, e faz o máximo esforço de convocação para que ela se realize.

É, contudo, verdade que a Direcção Geral não quer nem tem que prestar contas a grupos minoritários que pretendem substituir-se à massa estudantil. Nem está sequer disposta a jogar no seu campo preferido, o campo da discussão estéril, da calúnia e da provocação.

II

Não havendo quorum os Estudantes decidiram realizar uma Reunião Geral de Estudantes, apenas representativa dos presentes. Foi então eleita uma Mesa, na base do seguinte critério aprovado por cem votos a favor, sessenta e sete contra e centenas de abstenções: um representante de cada uma das diversas tendências políticas ali presentes (invocaram-se entre outras os Comitês Ribeiro dos Santos e os Núcleos Sindicais de Base).

A Direcção Geral da AAC abandonou nessa altura a Sala por considerar que o M.A. é um movimento unitário de todos os estudantes e não um conjunto de tendências políticas já organizadas no meio estudantil e ainda por considerar que tal reunião viola flagrantemente o princípio do apartidarismo do M.A.. Em consequência, como estrutura representativa dos Estudantes de Coimbra no âmbito do M.A., não se sente a D.G. vinculada a essa reunião.

Aí tentou-se igualmente identificar a D.G. com uma qualquer tendência política. A esses respondemos que somos a Direcção Geral da AAC eleita pelos Estudantes de Coimbra e o programa a que estamos vinculados é o programa não de uma tendência, mas sim o programa votado pela Academia. E é aqueles que pensam que as re-

gras democráticas variam ao sabor da onda dos seus interesses de seita respondemos com a intransigente defesa dessas regras.

III

Neste momento, a acção dos provocadores esquerdistas é bem uma: desarticular o M.A., retirar-lhe prestígio, força e representatividade, e impedir a todo o custo a constituição de uma forte estrutura nacional representativa de todos os estudantes portugueses. Paralelamente, persistem em sabotar a Democratização progressiva da vida nas Escolas e isolar os estudantes das lutas mais gerais que o Povo Português trava.

Diariamente aparecem com concepções oportunistas de pulverização de estruturas, lançam campanhas de calúnias e provocações contra as AAEE, apostam no divisionismo e atentam contra os princípios do M.A., procuram sabotar a acção do M.A. como poderoso movimento de unidade e defesa dos interesses próprios dos estudantes e de intervenção política das massas estudantis em unidade com a luta mais geral em que está empenhado o Povo Português.

A eles responderemos perante as massas estudantis, em face das provocações, calúnias e manobras liquidacionistas do M.A., que só na defesa intransigente dos princípios do M.A. este poderá continuar a desenvolver-se, que continuaremos a lutar pela unidade dos estudantes em torno dos objectivos que os mobilizam, e que denunciaremos as suas tentativas desesperadas de impedir a criação de um forte Movimento Associativo a nível nacional, de uma União Nacional dos Estudantes Portugueses que corresponde às tradições de luta e ao estado de desenvolvimento do M.A. em Portugal. E mais defenderemos a necessidade de instauração de uma ordem democrática nas escolas e da conquista de pontos concretos da Reforma Geral e Democrática do Ensino, como única que corresponde aos interesses dos estudantes e aos anseios das massas populares nos domínios da Cultura e do Ensino.

A DIRECÇÃO GERAL DA AAC.